

A SALVAÇÃO DOS MORTOS

Observações sobre os cuidados com a alma e o corpo dos falecidos na devoção popular

José Otacílio Leite S.J.

As observações que se seguem, são resultado da reflexão sobre a prática popular de culto dos mortos no bairro Maria Helena, na periferia de Belo Horizonte, MG. Reconhece-se como uma reflexão em desenvolvimento, incompleta, sujeita a alterações.

Num primeiro momento serão elencadas algumas concepções e práticas observáveis nesse meio popular que se tornam verdadeiro questionamento ao universo religioso e teológico do agente de pastoral. Num segundo momento se procurará fazer uma análise teológica das concepções e práticas antes mencionadas, buscando certa sistematização. Num terceiro momento se tratará de criticar essa Teologia do povo a partir da Teologia elaborada academicamente e vice-versa, questionar esta com elementos daquela, chegando também a algumas pistas para a ação pastoral.

I

Eis um elenco — sem pretensão de ser exaustivo — das práticas, vivências e concepções populares com relação aos mortos:

- Pedido freqüente e predominante de “missas pelas almas”.
- Esforço por conseguir missas de sétimo e trigésimo dia, bem como de aniversário do falecimento, apesar das grandes dificuldades para encontrar celebrante.
- Importância de dizer na missa o nome de cada finado, cuja intenção é colocada, mesmo que sejam vários numa só celebração.
- Da parte de quem pede é importante pagar. Uma determinada quantia é reservada “para mandar rezar missas na intenção do falecido”. Mesmo quando a intenção é apresentada na celebração da Palavra (culto), crê-se indispensável contribuir com algum dinheiro.
- Há uma preocupação especial com mortos que levaram uma vida não muito exemplar, morreram em situação meio obscura, foram encontrados mortos, não tiveram nenhuma preparação adequada e assistência espiritual conveniente.
- Acredita-se bastante nas “almas penadas”, “mortos que aparecem”, provocam barulhos, deslocam objetos, enfim, interferem no mundo

dos vivos gerando preocupações, remorsos e temores. Pelo menos há evidente inquietação com esses fenômenos. Geralmente tudo isso é interpretado como “o morto — ou a alma — está precisando de missa”, deixou “alguma dívida a pagar” ou não foi perdoado por alguma ofensa que causou a alguém em vida e que continua magoado. Esse falecido — essa alma — só vai sossegar e deixar os vivos — ou o vivo mais conhecido — sossegados, quando estes “mandarem rezar uma missa”, fizerem alguma promessa, acenderem velas ou algo semelhante pelo finado.

- Pode-se incluir aqui o medo de cemitério à noite — e as inúmeras histórias que circulam a esse respeito. É como se os mortos estivessem sempre dispostos a aprontar alguma situação complicada para os vivos, a mostrar sua força em meio à escuridão, o que não é problema para eles que conhecem bem o “mundo de cá” e, já, “o de lá”. Eles podem interferir aqui, mas não podemos enfrentá-los em igualdade de condições. Por outro lado, parece que no fundo há a crença de que a alma vem rondar o corpo, visitar o local onde ele se encontra, com uma espécie de saudade, de não aceitação da separação, ou de dificuldade para existir sem ele.
- Há também um cuidado todo especial em manter a memória do morto. É uma certa relação ética. Morto não se critica, mesmo que o falecido tenha sido malvado em vida. Falar mal dele pode provocar acontecimentos imprevisíveis, castigos vindos de alguma ira sobrenatural.
- Se alguém se nega a rezar, pedir missas e orações por um falecido, conforme — julga-se — seria sua obrigação, expõe-se ao risco de ser castigado, de atrair “má sorte” sobre si.
- Enfim, parece que o morto está envolto em um mundo misterioso, inacessível. A única maneira de ajudá-lo é através de rezas, missas do padre, visitas e velas na sepultura, promessas.
- Entre as observações devemos incluir ainda o cuidado dispensado ao cadáver, ao corpo do morto. (Há lugares do Brasil onde se faz questão de guardar uma foto do morto no caixão). O corpo é o grande sinal, símbolo, e mesmo realidade da pessoa — inclusive da pessoa que faleceu. Mesmo após sepultado permanece um cuidado todo especial com o local, com a sepultura, não por acaso chamada de “última morada”, como um lugar de respeito, de oração e meditação.

II

Não se pode negar a presença de marcas evidentes de uma antropologia dualista popular, separando alma e corpo. Entretanto não se tra-

ta, sem mais, do dualismo grego ou mesmo escolástico. Por isso se disse: "dualista" e "popular", e ainda: "marcas evidentes". O povo não estudou e não segue Platão. Mais ainda, é muito clara a crença de que só Deus é eterno e não criado. A alma é criada e dada por ele.

Percebe-se também que o fundamental na pessoa é a alma ou espírito. Vigora uma escatologia centrada na alma. Ela é que se encontra com Deus, tem que enfrentar o julgamento, recebe a recompensa ou o castigo. Praticamente não se vê na fé do povo simples preocupação evidente e explícita com relação à ressurreição do corpo, à presença do corpo no céu, na glória de Deus.

Contudo, com isto não se quer afirmar que o corpo é relegado, desprezado, visto como elemento negativo na formação do humano. A fé popular não se amolda com justeza a nenhum esquema intelectual elaborado pelas classes letradas, defendido ou rejeitado pela hierarquia. A sabedoria do povo permanece um desafio: se não segue uma antropologia unitária, também não pode ser conformada claramente à dualista. Se é manifesta a predominância do valor da alma, também é claro que o corpo tem o seu valor, a sua importância que aparece de variadas maneiras.

Entre os vivos é indiscutível um cuidado especial com o corpo, com a saúde de modo especial. Não se pode ignorar que a saúde física é fundamental para ganhar o sustento próprio e dos dependentes; o corpo é força de trabalho. Mas não é valorizado apenas por esta dimensão econômica. Os velhos, mesmo quando já aposentados, com situação econômica razoavelmente garantida, lamentam a decrepitude biológica, lamentam "sentirem-se acabados", deploram o envelhecimento que castiga o corpo e lembram com saudade os tempos em que eram fortes, vigorosos, saudáveis, atraentes e com condições de realizarem múltiplas atividades. É dada grande importância ao mundo das relações humanas, mesmo nas camadas populares mais humildes. O povo também sabe que é nessas relações humanas, concretamente expressadas pelo corpo, que se vive a caridade, o amor, a amizade, a ajuda mútua — tão viva e tão forte em seu meio.

O "culto" ao corpo do morto também vem ao encontro deste parecer. O cadáver para o povo simples não é um objeto qualquer, não é o mesmo que o cadáver nos laboratórios das faculdades de medicina, por exemplo. Ele é expressão da vida que partiu, é um símbolo que diz muito, algo, no mínimo, semi-sagrado. Maltratar o corpo de um morto é uma espécie de profanação, de sacrilégio. Talvez até mais grave do que agredir um vivo. Com o cadáver permanece uma relação de solidariedade do morto com os vivos. É também um símbolo afetivo que consola na dor. Seguramente de todas as lembranças que ficam de quem morre,

nenhuma tem tanta força e expressividade quanto o corpo, pelo menos nos primeiros momentos. A própria fisionomia tranqüila do morto traz muito alívio e esperança aos que o choram.

O importante em tudo isto é constatar que se dá valor ao corpo, valor este que é também vivido na fé, embora seja desafiador contextuá-lo nos esquemas teológicos e antropológicos da relação corpo-alma em termos de unidade ou separação.

A grande devoção, respeito e mesmo adoração ao corpo do Senhor Morto, tão marcante na piedade popular, também pode ser expressão dessa valorização. Para o povo simples e humilde o momento de destaque no processo da nossa salvação recai exatamente na força do sofrimento físico-corporal enfrentado por Jesus Cristo. Para a Teologia do povo não interessa tanto a comunhão e fidelidade do Filho para com o Pai, o choque com os poderes históricos opostos aos planos do Reino que esta fidelidade provocou, mas interessa que de fato o Filho de Deus suportou em seu corpo tantas dores e humilhações e por isso nos salvou. A salvação está garantida através do corpo de Jesus; corpo com sentido e valor claramente físico-biológico. É claro que nesta vivência da fé há toda uma ligação com as condições sócio-culturais.

Em relação ao "aparecimento das almas penadas" e/ou crenças semelhantes, percebe-se que na fé das camadas populares a morte não significa necessariamente o encontro definitivo com Deus, a entrega total e imediata ao Pai e — muito menos — o "juízo final". Há um tempo "intermédio" entre a morte e a acomodação, o "descanso", a comunhão definitiva com Deus. Nesse ínterim a alma — o falecido — pode permanecer um pouco como que autônoma com respeito ao domínio de Deus, em conflito com o Criador, algo insubmissa, talvez por causa das falhas e pecados de sua vida, carente de ajuda para poder reconciliar-se com Deus.

É difícil uma análise exata, mas há uma etapa de "confusão", um tanto misteriosa. Poderíamos buscar alguma relação com o purgatório, no entanto seria insuficiente e não viria bem ao caso. Possivelmente poderia detectar-se influências da doutrina reencarnacionista, em forma de resquícios, ou pelo menos uma abertura muito favorável à divulgação dessa doutrina, permitindo certo sincretismo entre ela e a fé cristã católica popular. De qualquer forma, o que se pode reconhecer com segurança é que o povo não concebe a ressurreição e a glorificação total da pessoa como algo que acontece logo após a morte. E se aceita a ressurreição a longo prazo, manifesta-o muito pouco, não aparece no horizonte imediato das preocupações. Não há para o falecido uma superação imediata das condições de tempo e espaço, das limitações sofridas em vida. Faz-se necessário um tempo cronológico — semana, mês, ano — para as

coisas se irem ajustando, até a morte ser mesmo uma passagem para o "descanso em paz" na glória do Senhor. O fato de o povo não se contentar com abstrações explicativas sobre as realidades transcendentais, pode levá-lo a buscar representações mais físico-temporais das realidades definitivas. Jesus deu o exemplo, levando em consideração os condicionamentos culturais e falando do Reino através de sinais, imagens e parábolas.

III

A crítica a alguns elementos fundamentadores da prática de fé do povo, que parecem negativos e perigosos, não significa a não valorização dos elementos positivos nela presentes. A força eficaz reconhecida à oração e à celebração, a vivência de certa solidariedade que permanece para além da morte — só para citar dois valores — comprovam a importância da fé popular.

Um dos problemas mais perceptíveis nesta teologia do povo parece ser a presença de um certo poder mágico atribuído às celebrações, orações e outras práticas em favor dos mortos. Mandar rezar missas em certas datas, com determinada frequência, por exemplo, dá a garantia de que o finado recebeu o benefício. O "mandar celebrar" a missa é mais importante que participar da mesma e da vida da Igreja. Contanto que a celebração se realize, pouco importa se por outros motivos as pessoas não puderem participar da missa que "mandaram celebrar".

Por sua vez, rezar para que o morto alcance a salvação parece um pouco uma conquista humana, de alguma forma em conflito com a graça misericordiosa de Deus. Se os vivos não executarem certas obras, o falecido "não alcançará o descanso eterno". No mínimo parece que Deus, um tanto esquecido, não se lembrará dele. Por isso é preciso chamar a sua atenção através de algumas obras piedosas, tabeladas e fiéis ao calendário. A participação do padre (sacerdote) como mediador parece ser necessária para dar força à prática humana, o que aumenta a sensação de um certo caráter mágico.

De alguma forma, pode-se também perceber nestas práticas uma relação com a questão das indulgências, levadas até ao abuso, em passado não tão distante. Basta realizar certas obras para garantir a salvação. Neste caso as obras de um vivo em favor de um morto.

A esta altura é importante dar-se conta de que, para o povo, Deus ainda é muito mais percebido como um poder infinito e eterno, o Senhor do destino humano, muitas vezes distante e sisudo, do que como Pai amoroso, misericordioso, sempre ansioso para acolher-nos em seu seio.

Em todo o conjunto de práticas vistas podemos detectar certa "espiritualidade materialista", um condicionamento físico-espaco-temporal que abrange, ou melhor, colore todos os valores de fé popular, apesar de sua tendência em distanciar o transcendente do imanente. De novo constata-se que a Teologia do escatológico vivida pelo povo não casa tranqüilamente com nenhum esquema teológico acadêmico. Sempre há coincidências e divergências, aproximações e distanciamentos.

Outro ponto crítico, não desvinculado dos anteriores, é o individualismo, a preocupação com a salvação do "seu falecido". Cada um reza para o "seu morto", para a salvação "daquela alma". Esse individualismo escatológico está ligado a uma práxis individualista da fé, alimentado por ela e alimentando-a. Ainda permanece muito o "cada um" salve a sua alma. Assim a dimensão de comunhão eclesial e encarnação histórica da fé perde muito de sua força. Ter alguém que reze pela gente após a morte pode ser mais importante do que engajar-se, em vida, na comunidade eclesial e assumir as lutas concretas do povo de Deus, vivendo e fazendo história.

Encontra-se aqui um desafio sério para a pastoral: a supervalorização do pós-morte em detrimento da vida, da práxis histórica. É um anacronismo que não pode permanecer. Evidentemente neste individualismo se detectam certas contradições. Não é raro encontrar os que "encomendam missa pelas almas do purgatório" ou "pelas almas mais abandonadas", sem mais. Mas permanece a desvinculação da fé com a história.

Quanto à crença em "aparições de mortos" e às estórias de "almas penadas", não parece imprudente nem difícil concluir que na realidade não se trata de um problema teológico, mas muito mais um fenômeno — ou conjunto de fenômenos — ligados à psicologia e parapsicologia, fruto mesmo de patologias e forças inconscientes ou subscientes. Enfim, são fatos que as ciências humanas cada vez mais vão explicando satisfatoriamente e pouco ou nada têm a ver com forças e dados sobrenaturais. A falta de uma visão mais crítica, de um melhor conhecimento sobre o próprio ser humano, e mesmo a ignorância sobre a função e os usos de gêneros literários na Bíblia, leva o povo, às vezes apoiado ainda em pastorais teologicamente falhas, a interpretar tudo o que lhe é inexplicável como acontecimento de origem e conotação "sobrenatural" e "transcendente". No caso, a promoção de palestras sobre estes temas e a apresentação do assunto em pregações, pode ir ajudando a desfazer equívocos e a corrigir concepções míticas e alienantes.

Mudando agora a direção do confronto e buscando analisar criticamente nossa formação teológica acadêmica a partir das concepções do povo, notamos logo uma defasagem: Valorizamos muito pouco as práticas, interesses e preocupações típicas do povo. Não temos a preocupa-

ção de entender a fé do povo, mas de mudar o povo, de depositar nele aquilo que aprendemos. Sempre — e a priori — consideramos que nossas “novidades teológicas” são mais interessantes e o povo está continuamente apto a captá-las sem mais.

Na realidade, podemos constatá-lo não como um problema de pedagogia pastoral, mas como um problema para a formação teológica. O que acontece é que não encontramos tempo para estudar, descobrir e refletir a fundo sobre as concepções de fé que alimentam as práticas do povo. Creio que, de fato, as consideramos sempre muito singelas, simplórias, ultrapassadas e sem valor teológico. Nossa preocupação é mais apagá-las e substituí-las por outras mais atuais, sem antes ver as razões e motivações profundas que as sustentam e as fazem simpáticas ao povo. Em compensação, freqüentemente o povo pode ouvir nossas informações teológicas mais atualizadas e científicas, sacudir a cabeça em atitude de aprovação, mas voltar para casa seguro de suas antigas crenças e mais apegado a elas.

A necessidade de formação ampla e universal nos leva a buscar uma preparação onde recebemos e elaboramos muitos dados que não servem de imediato, sem críticas e adaptações, para serem levadas ao povo simples. Não podemos oferecer remédios para doenças que ele não sofre. É necessário que antes se descubra o valor da pergunta para então buscar e acatar a resposta como adequada. Enquanto isso, não podemos desprezar os elementos básicos inspiradores da vivência de fé do povo, mas pelo contrário, valorizá-los e conhecê-los bem. Apesar dos esforços, continuamos falhando neste sentido.

Por fim, frente à preocupação do povo com os mortos, com a salvação das almas, podemos despertá-lo ou, ao menos, descobrir um caminho possível de mostrar o valor de uma vida de fé engajada historicamente, vivida em comunhão eclesial. A solidariedade que o povo sente com seus mortos deve desenvolver raízes históricas bem concretas. Ela é eficaz se todos nós começamos já aqui a vivê-la, principalmente através da prática da caridade e da justiça. Aí a comunhão eclesial, a vivência comunitária da fé se estende com clareza para além da morte, é eficaz e ajuda a todos a estarem preparados para alcançarem o repouso e a glória definitiva no Reino de Deus em sua realização plena (cf. Lc 16, 19-31). Só quem vive a comunhão de fato aqui, é convidado a continuar a viver a comunhão total com os irmãos e com Deus, a salvação. Caso contrário rejeita-a. Esta vivência real dá sentido e força à oração e ao sacrifício pelos mortos, conforme atesta a revelação (cf. 2 Mc 12, 39-46). Devemos perceber e ajudar o povo a ver que a nossa oração não está determinada, na sua eficácia, pelo tempo regulado conforme os astros, nem pela quantidade, mas integrada à experiência da prece universal que a Igreja

dirige a Deus em favor de todos os seus membros, sempre chamados ao encontro face a face com o Pai. Esse encontro é particular e universal, pois cada um e todos devem chegar a ele, como seres históricos, membros de uma comunidade vivida em um tempo e em um lugar.

José Otacilio Leite S.J. é bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, de Belo Horizonte, MG. Frequenta o curso de mestrado na mesma Faculdade.

Endereço: Caixa postal 5047 – 31611 Belo Horizonte - MG